

Reflexões sobre a (in)segurança nas cidades médias gaúchas: imaginários sociais e mudanças espaciais.

Alejandro R. Maldonado Fermín¹

Resumo

A partir de uma aproximação etnográfica que venho realizando nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria – RS, neste texto reflito sobre a questão da (in)segurança em cidades médias, nas suas vertentes dos *imaginários* e das *mudanças no espaço*, assim como as suas vinculações com uma *cultura da vigilância e do medo* que é muito arraigada nessa zona. Para isso, apresento algumas características salientes de ambas as vertentes com o intuito de fornecer chaves analíticas que transcendam as clássicas explicações da questão segurança, partindo da análise de práticas concretas naquelas cidades.

Palavras chave: Imaginários. (In)segurança. Cidades médias. Pelotas. Rio Grande. Santa Maria.

I.

O Rio Grande do Sul tem um grupo de *cidades médias* (SOARES; UEDA, 2007) que destacam-se por serem centros regionais que polarizam

“diferentes porções do território, especialmente quanto ao comércio, os serviços, aos equipamentos de saúde e ao ensino universitário, constituindo-se em importantes nós da rede urbana e do sistema territorial, centros de difusão da modernização que corroboram para que a urbanização seja um fenômeno relativamente generalizado no território gaúcho” (p.382)

O conjunto dessas cidades que Soares e Ueda vão identificar inclui a Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande e Santa Maria (p.390). No que tange a esta pesquisa, foco o trabalho nas cidades que desse conjunto estão na chamada “metade Sul” do estado (SEHN, 1999): Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. Essa

¹ Sociólogo (Universidad Central de Venezuela). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPel. Bolsita CAPES. Email: amaldonadof@gmail.com.

escolha está fundamentada no fato de que são cidades onde os índices de criminalidade têm experimentado aumentos significativos nos últimos anos, o que serve de pano de fundo para pensar a questão *segurança-insegurança*, ou como prefiro indicar por questões de simplificação analítica: *(in)segurança*². Podemos ver na seguinte tabela as variações na taxa de homicídios dolosos por cada 100 mil habitantes para sustentar a afirmação anterior:

Tabela nº 5

Taxa de homicídio por cada 100 mil habitantes para os anos 2005, 2010 e 2015, e variação percentual de 2005 a 2015 dessa taxa para os municípios de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria.

	Pelotas	Rio Grande	Santa Maria
2005	7,50	9,16	5,80
2010	9,74	7,37	10,05
2015	28,89	18,76	19,30
Variação 2005-2015	% 285,30	104,83	232,55

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da FEE/RS: <http://feedados.fee.tche.br/feedados/>, extraído: 25/04/2017.

Resulta plausível indicar que existe um componente *objetivo* que sustenta tanto a produção e ressignificação de *imaginários da (in)segurança*, quanto mudanças no *espaço* dessas cidades. Contudo, aquele componente não é o único, pois também existem inúmeros elementos no plano *subjetivo* que acompanham essas ressignificações e mudanças, parte deles vinculados a uma *cultura da vigilância e do medo*, que fornece *sentidos* às práticas cotidianas que envolvem família, amizade, vizinhança, lazer, trabalho, estudos.

Assim, temos um conjunto de perguntas que vá indicando o rumo da pesquisa: quais são as características desses imaginários? Quais são as mudanças no espaço das cidades? O que tem de característico essas questões nas cidades médias de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria?

² É difícil pensar a *insegurança* sem pensar na *segurança*, isto é, ambos os termos são um par analítico na medida em que cada um deles representa o limite do outro. Desta maneira, ao longo deste texto vou escrever *(in)segurança* para fazer referência a essa relação intrínseca que essas noções têm. Assim, no desenvolvimento deste texto, a menção *imaginários da (in)segurança* é a forma condensada de expressar que esses conjunto de ideias, práticas e memórias referem-se tanto a um quanto ao outro termo.

II.

Partindo de uma aproximação etnográfica que combina observações – sistemáticas e assistemáticas -, conversações informais, entrevistas em profundidade e análise assistemática de matérias em jornais e outras publicações digitais, consigo identificar que:

- 1) Os imaginários da (in)segurança se caracterizam por fornecer marcos de sentido para práticas que envolvem: (a) mudanças nas rotinas onde o “ficar de olho” passa a ser o elemento estruturador e que se expressa na incorporação e normalização de *objetos da segurança* (alarme, câmeras, grade, vigia, viatura); (b) transformações no espaço das cidades através da incorporação daqueles *objetos* como rugosidades (SANTOS, 2002), que vão “carimbando” a paisagem.
- 2) O espaço das cidades incorpora novos *objetos* que são expressões de técnicas e usos de determinada formação social (SANTOS, 2002), os quais podem ser datados. Assim, essa continua reconfiguração e ressignificação do espaço contribui à “guerra do lugar” que Santos visualizava como característica particular dos nossos tempos. Tantas mais marcas de segurança no espaço, quanto mais segurança fornece esse lugar.
- 3) Nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Santa Maria está acontecendo uma expansão do mercado da segurança privada que está sujeita tanto àqueles elementos na ordem objetiva, quanto na subjetiva. Isso pode ter dois desdobramentos: (a) diante a ausência do Estado, a população começou a procurar-se a sua segurança de modos diversos, o que tem gerado um nicho certo para dita expansão; (b) diante a normalização das empresas e objetos da segurança, as pessoas tornam-se mais pressas de si, levando a que o espaço da sociabilidade fique restrito ao privado, quando não ao íntimo.
- 4) As cidades estão cada vez mais marcadas, cheias de rugosidades, que ao final são parte do substrato material que dá força à manutenção dessa cultura da vigilância e do medo. No que diz respeito ao medo, destaco o caso de



Pelotas no que as marcas espalhadas pela cidade são de medo com uma forte carga de violência.

Referências bibliográficas

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SEHN, P. S. O atraso da Metade Sul do Rio Grande do Sul em relação à Metade Norte: uma análise dos aspectos históricos e da estrutura fundiária. *Economia e Desenvolvimento*, v. 10, p.1-10, 1999.

SOARES, P. R. R; UEDA, V. Cidades médias e modernização do território no Rio Grande do Sul. In: SPOSITO, M. E. S (org.). **Cidades médias:** espaços em transição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007, p. 379-411.